

Moraes dá liberdade provisória a Costa Neto

TRAMA GOLPISTA / Ministro Alexandre de Moraes considerou que presidente do PL não oferece perigo e que deve responder às acusações fora da cadeia. No entanto, o político continua submetido a medidas impostas pela Justiça

Costa Neto ganha liberdade

» INGRID SOARES

O ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal (STF), concedeu, na noite de ontem, liberdade provisória para o presidente do PL, Valdemar Costa Neto. Ele foi preso em flagrante no último dia 8, depois que a PF encontrou, durante o cumprimento de um mandado de busca e apreensão, um revólver calibre .38 e uma pepita de ouro em sua posse. Ao Corréio, a defesa disse "reafirmar sua confiança no Poder Judiciário".

O magistrado atendeu pedido da Procuradoria-Geral da República (PGR), que pediu o relaxamento da detenção. No despacho, Moraes levou em consideração a idade de Valdemar, 74 anos, e o fato de o crime não ter sido cometido com violência. "Ocorre, entretanto, que, apesar de continuarem presentes os requisitos ensejadores da prisão preventiva, algumas circunstâncias específicas devem ser analisadas, uma vez que o investigado é idoso, tendo 74 anos, e não teria cometido os crimes com violência ou grave ameaça, tendo sido os objetos encontrados dentro de sua residência, no momento do cumprimento de mandado de busca e apreensão", apontou.

No entanto, o ministro ressaltou que o presidente do PL não é mais réu primário e lembrou que ele já foi condenado no processo do mensalão. "Também observo que Valdemar Costa Neto foi condenado definitivamente pelos crimes de corrupção passiva e lavagem de dinheiro, com trânsito em julgado certificado em 13/11/2013, por este Supremo Tribunal Federal, no julgamento da Ação Penal 470", completou o ministro.

Ele é acusado de integrar uma organização criminosa criada para tentar dar um golpe de Estado. Além dele, são acusados o ex-presidente Jair Bolsonaro, que seria o líder do esquema, ex-ministros e militares. Valdemar deixou a carceragem da Polícia Federal ainda na noite de ontem, por volta das 22 horas. O político estava acompanhado do advogado e não deu declarações sobre as acusações que pesam contra ele.

Medidas cautelares

Foram mantidas, porém, as medidas cautelares, como retenção do passaporte e proibição de manter contato com os outros investigados. Caso não sejam cumpridas, o presidente do PL retorna para a cadeia, segundo Moraes. "O custodiado

Também observo que Valdemar Costa Neto foi condenado definitivamente pelos crimes de corrupção passiva e lavagem de dinheiro, com trânsito em julgado certificado em 13/11/2013, por este Supremo Tribunal Federal, no julgamento da Ação Penal 470".

Alexandre de Moraes,
ministro do STF, em despacho

já se encontra submetido a medidas cautelares, adequadas e suficientes, que o impedem de interferir na atividade investigatória. Não se reconhece, por outro lado, a sua periculosidade, a que se vincula o risco da reiteração delitiva, tampouco a presença de circunstâncias supervenientes capazes de alterar o quadro que justificou as medidas anteriormente decretadas", finalizou o despacho.

Na noite de sexta-feira, Moraes converteu a prisão de Valdemar Costa Neto, presidente do PL, em preventiva (sem prazo) e deu prazo de 24 horas para a PGR se manifestar sobre o pedido de liberdade provisória apresentado pela defesa. Deferiu, ainda, o pedido dos advogados para terem acesso aos autos. O magistrado manteve também, na ocasião, as prisões preventivas de Rafael Martins de Oliveira, Marcelo Costa Câmara e Filipe Garcia.

Por meio das redes sociais, o advogado de Bolsonaro, Fábio Wajngarten, comentou ontem sobre a soltura de Valdemar. "Eu não tenho palavras para agradecer tantos amigos próximos e distantes que se mobilizaram para nos ajudar neste momento desafiador. Foram horas seguras no telefone, foram noites sem dormir, uma corrente de ações construtivas. Agradeço também ao ministro da Corte Superior pelo seu compromisso e decisão. É hora de o presidente Valdemar rever sua família e descansar.", concluiu.

Est. Alencar/CPA/PA Press



Político foi preso em flagrante na semana passada em posse de arma sem registro e pepita de ouro de origem ainda desconhecida

Segunda prisão em uma década

» HENRIQUE LESSA

O presidente do Partido Liberal (PL), Valdemar da Costa Neto voltou à prisão 10 anos depois de passar uma temporada cumprindo uma pena a que foi condenado pelo seu envolvimento no escândalo do mensalão, que aconteceu ainda no primeiro governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Mas apesar das reavirtoas, Valdemar novamente seguiu, à época, atuando na política brasileira de forma inigualável.

Essa capacidade foi revelada pelo Corréio, em sua edição de 23 de dezembro de 2013, onde demonstrava que mesmo atrás das grades, no Complexo Penitenciário da Papuda, em Brasília, Valdemar seguia comandando ativamente os rumos do seu partido e as articulações da legenda para as eleições presidenciais de 2014.

Valdemar comandava nessa época o PR (Partido da República), nome adotado pelo PL depois dos desgastes com o escândalo do mensalão e depois da fusão com o Prona - legenda que foi a casa do candidato Enéas Carneiro até a sua morte. A fusão

com o partido que representava um dos primeiros expoentes da extrema-direita no país levou o PL de Valdemar para o campo político muito mais à direita do que o que ocupava no primeiro governo petista, quando abrigou

o vice-presidente de Lula, o empresário José Alencar.

Valdemar, que sabia que não escaparia do cárcere após a decisão do Supremo Tribunal Federal (STF), tomou providências, antes de ser recolhido para a

prisão, para que conseguisse seguir, indiretamente, no comando do PL. PR à época. Naquela ocasião, valeu-se do apoio do senador Antônio Carlos Rodrigues (PR-SP), que era o seu homem de confiança e emissário nas reuniões do partido levando as definições de Valdemar para os demais correligionários.

Mas, se há 10 anos, Valdemar como um "grande chefeão", seguia definindo os destinos do partido, hoje o folgo político talvez não seja o mesmo. O partido é muito diferente do que Valdemar comandava naquela época. O PL tem uma clara divisão entre o grupo mais ideológico ou bolsonarista e um grupo muito mais próximo do Centríon, interessado mais nos acordos e emendas para as suas regiões.

O político além de disputar com Bolsonaro os destinos do partido, perdeu o cuidadoso controle que tinha sobre as verbas partidárias, a maior receita do país em fundo eleitoral e partidário, um volume de dinheiro muito maior do que estava disponível ao PR de 2013 e fundamental na definição dos apoios e destinos da legenda nas eleições municipais deste ano.



De 1964 a 2022, o que mudou no país

» EVANDRO ÉBOLI

Nas 135 páginas do relatório da Polícia Federal que gerou a operação *Tempus Veritas*, a expressão "golpe" aparece 78 vezes. É "golpista", 34. Para o Ministério Público e para o ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal (STF), não restou dúvida de que Jair Bolsonaro e seus auxiliares tentaram implementar um golpe de Estado no país, via abolição violenta do Estado Democrático de Direito.

A tentativa frustrada dos apoiadores de Bolsonaro se deu na proximidade do aniversário de 60 anos do golpe perpetrado por militares no país, em março de 1964. Nesses, os autores lograram êxito. Os dois momentos, separados por seis décadas, guardam semelhanças e diferenças.

A presidente da Comissão de Anistia, Eneida Stutz, especialista nesse tema, elenca três pontos em comum entre os dois golpes e a tentativa, e três fatores divergentes. Em comum: a participação

ativa dos militares, o desprezo pela democracia e a aposta na vitória e na impunidade.

"Nesses dois momentos se registra envolvimento de militares de alta patente, os protagonistas, com cargos públicos e alta função na República, eram inimigos da democracia, e com forte desdémio pelo rompimento do Estado Democrático de Direito. É a crença na vitória e na impunidade. Além de convergirem na farsa de que o golpe era a garantia da preservação da democracia. Uma mentira para criar um estado de exceção", disse Eneida Stutz ao Corréio.

"Os atuais protagonistas, da tentativa de golpe de hoje, se filiam, mantiveram as gravidades guardadas, como nos mostraram essas investigações. Têm pouca confiança na impunidade, e na vitória eleitoral, que não veio. Queriam tomar o poder por um golpe de estado, com planilhas, minutos de estado de sítio. As tentativas mostravam receio de serem presos."

A tentativa de golpe dos

Reprodução/7192-BA



tempos atuais não deu certo, no seu entendimento, por conta de três diferenças essenciais: falta de articulação e apoio internacional, pouco despreparo e incompetência e houve forte resistência das instituições e da imprensa.

O golpe de 64 teve essa articulação e apoio internacional, em especial dos Estados Unidos, que reconheceram a nova

direção do Brasil como legítima. A do grupo de Bolsonaro, zero apoio do exterior. Ao contrário, o 8 de janeiro foi rechaçado no mesmo dia por França e Estados Unidos", disse Stutz, que é professora da Universidade de Brasília (UnB), onde é responsável pelo setor de memória, verdade e justiça do curso de Direito. Ela segue apontando as diferenças:

"Outro ponto totalmente divergente é o que vou chamar de despreparo e incompetência dos mentores dessa tentativa de golpe agora. Sem fundamento, sem lógica razoável, sem articulação política e estratégica. Em 1964 ainda tinha a crença na doutrina de segurança nacional, treinamento específico e o golpe no Brasil foi uma espécie de laboratório para o resto do continente", disse.

Golpe militar de 64 foi concretizado com forte apoio internacional

Ex-perseguido político na ditadura, o historiador e pesquisador Manuel Domingos Neto não hesita em afirmar que Bolsonaro e seu grupo civil e militar tentaram implementar uma ditadura no Brasil.

"A ditadura do passado foi assassina, de terror de Estado. A principal diferença é que essa tentativa foi ampla, à luz do dia, com os responsáveis mostrando a cara. E não tem essa história de isentar os militares que sabiam e nada fizeram. Se tiraram o corpo, prevenciam do mesmo jeito", disse Domingos Neto.

"Nos encaminhámos mesmo para um golpe, que não foi adiante por múltiplas razões, entre as quais a fragilidade do fôlego desse grupo, que é Jair Bolsonaro. Um político frágil. E se tratou, diria, de uma tentativa desengonçada. E ao lado de lideranças sem força, casos dos generais Heleno e Braga Neto, se ainda fosse o Villas Boas e o Etchegoyen, talvez pudesse ser diferente."

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Braziliense - Brasília/DF

Seção: Política **Página:** 3